

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16074 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

## EDUCAÇÃO ESCOLAR EM TEMPOS DE CATÁSTROFES CLIMÁTICAS

Maria Alice Gouvêa Campesato - UNISINOS/PPGE GESTÃO EDUCACIONAL - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

### EDUCAÇÃO ESCOLAR EM TEMPOS DE CATÁSTROFES CLIMÁTICAS

**RESUMO:** Este ensaio teórico busca discutir a escola no Antropoceno desde a perspectiva da Filosofia para pensar a formação humana. Para tal, parte do episódio ambiental catastrófico, que se deu no Rio Grande do Sul no final do mês de abril e ao longo do mês de maio do ano de 2024, cujos efeitos deixarão marcas profundas nas crianças e estudantes das escolas deste território. Explora a temática da educação socioambiental problematizando a separação entre natureza e cultura e aponta alianças com outros modos de existência que não-ocidentais-capitalistas como uma possibilidade de habitar o espaço educacional do presente, perspectivando novos e outros futuros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antropoceno. Pensamento ameríndio. Escola.

*Nesta invocação do tempo ancestral, vejo um grupo de sete ou oito meninos remando numa canoa: Os meninos remavam de maneira compassada, todos tocavam o remo na superfície da água com muita calma e harmonia [...]. Esses meninos que vejo em minha memória não estão correndo atrás de uma ideia prospectiva do tempo nem de algo que está em algum outro canto, mas do que vai acontecer exatamente aqui, neste lugar ancestral que é seu território, dentro dos rios (KRENAK, 2022, p. 5-6).*

Este texto se dá em um momento pós-desastre ambiental/climático que ocorreu no Estado do Rio Grande do Sul no final do mês de abril e se estendeu ao longo mês de maio de 2024. Catástrofe anunciada pelas ciências ocidental e ameríndia. Sim, os povos ameríndios praticam ciência: não se trata de uma previsão, mas de um conhecimento ancestral e que chega à nossa vista pela voz que se vai passando de geração a geração.

Assim, esta escrita se forja no interior de águas turvas e lamacentas e se vê imersa na oscilante sensação de impotência perante a grandeza das águas e de uma forma de vida que, embora tenha explicitado seu fim, ainda insiste e mostra sua força na captura de nossa potência vital (Rolnik, 2018). Nessa paradoxal existência entre a força vital da água e da cafetinagem do capital, busca-se por formas outras de respirar, (sobre)viver, sonhar e pensar na formação humana e na escola como esse espaço de *estar com*. E é nesse sonho, nessa espécie de transe de quem acredita nos possíveis, que este texto ousa pensar a escola do presente. Não para projetar futuros, mas para ofertar às novas gerações equipagem para que criem seus futuros, novos e diversos.

Se em “períodos de convulsão são sempre os mais difíceis de viver”, como aponta Rolnik

(2018, p. 25), “é neles também que a vida grita mais alto e desperta aqueles que ainda não sucumbiram integralmente à condição de zumbis – uma condição a que estamos todos destinados pela cafetinagem da pulsão vital”. Daí a importância de suspendermos o tempo acelerado e que nos convoca insistentemente ao consumo, à opinião e à tagarelice, para pensarmos o que temos feito conosco e com o mundo e como estamos educando nossas crianças e jovens.

Dessa forma, este artigo toma a água como elemento que atravessa, enxarca, borra, mancha as fronteiras entre mundos, temporalidades, modos de existência, cuja força convoca a habitar um outro espaço de uma liquidez que vem da Terra, não do capital. Líquido de um mundo de sonhos, de tempos ancestrais e que nos convidam a olhar de outra maneira, pois “existem momentos na vida em que a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir” (Foucault, 1994, p. 13). Isso exige que suspeitemos das grandes verdades.

Uma dessas verdades está na concepção dualista, influenciada pelo pensamento platônico, que se tornou central na tradição ocidental, posicionando os seres em antagonismo: natureza e cultura, civilização e barbárie, etc. Concepção essa que ainda persiste no campo educacional e atravessa as práticas pedagógicas dos espaços escolares e universitários. Nessa perspectiva, os conceitos de humanidade e natureza, além de serem tomados como antagonísticos, trazem uma ideia de que tanto natureza quanto humanidade seriam dotadas de um caráter essencial e atemporal. Embora esses conceitos variem ao longo do tempo, não conseguem capturar a multiplicidade que caracteriza tanto a “humanidade” quanto a “natureza”. Como aponta Krenak (2019, p. 16), “fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso [...], fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade”.

Apesar das concepções predominantes sobre humanidade e natureza, especialmente a partir da modernidade, elas compartilham um ponto em comum: a ideia de que somente os humanos são agentes vivos do planeta. Em outras palavras, os humanos são vistos como os únicos “agentes históricos, e a natureza não passa de mera concatenação de matéria inerte” (Costa, 2021, p. 286). Romper com essa visão, que atribui exclusivamente aos humanos a capacidade de promover mudanças no mundo, é crucial para estabelecer alianças que promovam novas formas de relacionamento com o planeta e com todos os seres que nele habitam, sejam eles humanos ou não.

As evidências da desregulação dos fluxos biogeoquímicos e da destruição dos ecossistemas onde a vida se desenvolve em toda sua diversidade e complexidade estão por toda parte: o aquecimento global e os eventos climáticos extremos, as extinções e o declínio das populações de espécies terrestres e marítimas e o súbito contato entre espécies outrora isoladas são alguns dos fenômenos que mais têm suscitado apreensão, devido à ameaça que representam para os atuais modos de vida (humanos e não humanos) do planeta (Costa, 2021, p. 278-279).

A tragédia climática ocorrida no Rio Grande do Sul em maio de 2024 nos convoca a uma reflexão mais aprofundada sobre o tema e a estabelecer novas alianças, pois “não estamos mais sozinhos no mundo, temos agora de reconhecer os ‘seres da natureza’ como agentes que interagem conosco e temos também de prestar atenção aos outros povos” (Sztutman, 2019, p. 87) que, por séculos, vêm resistindo ao modo ocidental-capitalista de existência. As intensas e incessantes chuvas, que resultaram em enchentes nos rios, córregos e lagos, causaram a morte de centenas de pessoas e deixaram milhares em situações de desamparo e desabrigo. Este evento expôs a vulnerabilidade humana e trouxe à tona um novo tipo de refugiado – o refugiado climático, vindo a adensar o contingente de excluídos.

A crise ecológica que vivenciamos no presente decorre da significativa intervenção das atividades humanas no sistema terrestre, intensificada a partir da Revolução Industrial, em que “a produção material e a reprodução humana adquiriram escalas sem precedentes –, nos sistemas naturais do planeta” (Costa, 2014, p. 133). Daí o nome Antropoceno para caracterizar essa era geológica na qual o “*anthropos* teria se tornado a força dominante das dinâmicas do planeta” (Costa, 2021, p. 280).

No âmbito educacional gaúcho, 577 escolas foram danificadas e 394.782 estudantes foram impactados pela catástrofe, segundo o Boletim do Estado do Rio Grande do Sul do dia 5 de junho de 2024. No contexto das escolas públicas do município de Porto Alegre, 41 tiveram perda total: 14 escolas da Rede própria e 27 escolas parceirizadas de Educação Infantil. Isso provocou a interrupção do trabalho pedagógico ofertado a um contingente de 6.648 crianças, jovens e adultos diretamente impactados, segundo matéria publicada em 3 de junho de 2024 no site da Secretaria Municipal de Educação deste município (SMED/PoA). Neste momento de reconstrução de prédios, estrutura física, aquisição de equipamentos e mobiliários etc., muitas crianças e estudantes ainda se encontram afastados do ambiente escolar. Isso virá a intensificar a problemática já iniciada durante a pandemia de Covid-19, no que diz respeito às aprendizagens dos alunos.

Para além do número expressivo de alunos e profissionais que ficaram apartados do ambiente escolar e tiveram suas escolas destruídas, suas escritas, livros, cadernos, mobiliários, materiais escolares carregados pelas águas, importa neste artigo pensar de que maneira a catástrofe ambiental ocorrida Rio Grande do Sul pode ser tomada como efeito da ação de um certo tipo de humanidade e como isso pode ser problematizado no espaço escolar para além de clichês.

Martins e Sampaio (2021, p. 3) questionam a forma como a educação ambiental é frequentemente percebida: “como um dos principais caminhos para atingir uma visão idealizada de harmonia com o ambiente, a despeito dessa visão de equilíbrio dificilmente ter amparo nas teorias biológicas sobre a natureza”. Isso vem a explicitar um campo em aberto e que requer atenção para que não se perpetuem práticas “totalizantes e verdades universais: ser totalizante, que prescreve comportamentos e juízos considerados ideais para atingir seus objetivos e que descreve ambientes sem os sujeitos nas suas infindas multiplicidades”

(Martins; Sampaio, 2021, p. 5).

No âmbito da Educação e da Educação Ambiental, há uma profusão de certezas e convicções sobre as necessidades do mundo, sobre o que os outros precisam, sobre o papel ideal da escola, sobre as formas de salvar o planeta e sobre a importância de desenvolvermos um pensamento crítico (Sampaio, 2019). A autora defende a urgência de que se analise minuciosamente como esses “enunciados e imagens sobre meio ambiente, natureza e sustentabilidade vêm sendo disseminados nos nossos tempos” (Sampaio, 2019, p. 25), invadindo os espaços educacionais, sendo amplamente divulgadas pela mídia e integradas em iniciativas governamentais que buscam fazer da Educação Ambiental um tema abrangente em todas as modalidades e níveis de ensino. A autora chama a atenção para

o modo como estamos sendo ensinados a usar um vocabulário da sustentabilidade, a adotarmos atitudes ecológicas nas nossas ações mais banais e, inclusive, a nos tornarmos educadores ambientais que buscam propagar esse vocabulário e essas atitudes. Assim, julgo ser necessário verificar, a partir do que aprendemos com Michel Foucault (2003), como as verdades ambientais que nos constituem no tempo presente buscam conduzir nossas condutas, nos subjetivando e nos governando em direção a determinados fins (Sampaio, 2019, p. 25).

Nessa perspectiva, não se trata de atribuir a responsabilidade à promoção de estudos mais aprofundados sobre o assunto, exclusivamente aos docentes de Ciências ou aos que se dedicam à Educação Socioambiental, mas de desenvolver um trabalho pedagógico que atravesse o currículo escolar. O meio ambiente não deve ser tratado como um tema restrito; ao contrário, deve ocupar um espaço cada vez mais central nas atividades pedagógicas das escolas. Nesse contexto, a Filosofia, em conexão com as demais áreas do conhecimento, desempenha um papel crucial ao proporcionar um aprofundamento crítico e reflexivo sobre essa temática.

Um expressivo número de pesquisadores de diferentes campos tem voltado suas investigações à questão ambiental de forma articulada, rompendo com as fronteiras que separam as ciências e com uma visão eurocêntrica de mundo. Diversas pesquisas vêm estabelecendo uma aproximação com as cosmologias ameríndias, contribuindo para a ampliação de um debate aprofundado e urgente para pensar a escola como um espaço de *estar com*. Essa é uma “possibilidade que se abre com a inclusão do pensamento ameríndio nas matérias de estudo e pesquisa” (Campesato, 2023, p. 300).

Ao perguntar “Quais os novos Mundos Possíveis que precisamos reinventar para bem-educar e bem-viver no Mundo de Hoje?”, Corazza (2009, p. 5) nos convoca a uma atitude ética, política e filosófica perante o mundo e o campo educacional do presente, nos provocando a formular outras e novas perguntas, que se podem desdobrar em tantas outras. Poderíamos, então, inverter a ordem e perguntar: *Quais novas alianças podemos estabelecer para bem-educar e bem-viver no Mundo de Hoje, reinventando novos Mundos Possíveis?*

## REFERÊNCIAS

BOLETINS SOBRE O IMPACTO DAS CHUVAS NO RS. Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/boletins-sobre-o-impacto-das-chuvas-no-rs>. Acesso em: 03 ago. 2024.

CAMPESATO, Maria Alice Gouvêa. Educação no Antropoceno: articulações cosmopolíticas num mundo em ruínas. **Antíteses**, Londrina, v. 16, n. 32, p. 281–310, 2023.

CORAZZA, Sandra Mara. A educação no século XXI: desafio da diferença pura. **Ariús**, Campina Grande, v. 15, n. 1, p. 9-16, 2009.

COSTA, Alyne de Castro. Antropoceno, a irrupção messiânica de Gaia na história moderna. **Cadernos Walter Benjamin**, Fortaleza, v. 12, p. 132-149, 2014.

\_\_\_\_\_. O acontecimento da Terra. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 48, p. 277-303, 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

KRENAK, Ailton. As alianças afetivas [entrevista a Cesarino Pedro N]. In: Ministério da Cultura, Bienal e Itaú. 32ª Bienal de São Paulo. São Paulo: **Fundação Bienal de São Paulo**; 2016. p. 169-184.

\_\_\_\_\_. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MARTINS, Daniel Ganzarolli; SAMPAIO, Shaula Máira Vicentini de. Um ambiente-escola entre poéticas, narrativas e experimentações. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e78242, 2021.

UM EM CADA CINCO SERVIDORES DAS ESCOLAS MUNICIPAIS FOI DIRETAMENTE ATINGIDO PELA ENCHENTE. Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/smed/noticias/um-em-cada-cinco-servidores-das-escolas-municipais-foi-diretamente-atingido-pela#:~:text=Praticamente%20todas%20as%2099%20escolas,iniciar%20a%20limpeza%20em%20>. Acesso em 2 ago. 2024.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SAMPAIO, Shaula Máira Vicentini de. Como criar uma paisagem em ruínas? Deslocamentos, desconstruções e a insistência de pensar a Educação Ambiental no Antropoceno. **Quaestio-Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, SP, v. 21, n. 1, 2019.

SZTUTMAN, Renato. Um acontecimento cosmopolítico: o manifesto de Kopenawa e a proposta de Stengers. **Mundo Amazônico**, Manaus, v. 10, n. 1, p. 83-105, 2019.

SZTUTMAN, Renato. No limiar entre ciência e ficção: especulação e imaginação para responder ao Antropoceno. In: MARRAS, Stelio; TADDEI, Renzo (Orgs.). **O Antropoceno: sobre modos de compor mundos**. Ebook. Belo Horizonte [MG]: Fino Traço, 2022, p. 130-185.

UM EM CADA CINCO SERVIDORES DAS ESCOLAS MUNICIPAIS FOI DIRETAMENTE ATINGIDO PELA ENCHENTE. SMED/PoA. Disponível em:

[https://prefeitura.poa.br/smed/noticias/um-em-cada-cinco-servidores-das-escolas-municipais-foi-diretamente-atingido-pela#:~:text=Praticamente%20todas%20as%2099%20escolas,iniciar%20a%20limpeza%20em%](https://prefeitura.poa.br/smed/noticias/um-em-cada-cinco-servidores-das-escolas-municipais-foi-diretamente-atingido-pela#:~:text=Praticamente%20todas%20as%2099%20escolas,iniciar%20a%20limpeza%20em%20)

Acesso em: 2 ago. 2024.